

EIXO CAPITAL

ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br

A bancada de Bolsonaro no DF

Com a filiação do presidente Jair Bolsonaro ao PL, o presidente nacional do partido, Valdemar Costa Neto, começa a montar a nominata para a disputa de deputados federais. Ter uma bancada forte, com muitos parlamentares, é o desejo principal. Número de deputados representa poder no Congresso e dinheiro do fundo partidário e eleitoral. Em reunião ontem, Valdemar conversou com alguns pré-candidatos: o delegado Rafael Sampaio, ex-presidente do Sindicato dos Delegados de Polícia Civil do DF (Sindepo), e a secretária de Justiça e Cidadania, Marcela Passamani, são dois pré-candidatos à Câmara. A deputada federal Bia Kicis, hoje no PSL, deve seguir os passos de Bolsonaro e se filiar na legenda para concorrer à reeleição. Outro provável candidato a federal pelo PL é o deputado distrital Agaciel Maia. A aposta no partido é de eleger, pelo menos, dois deputados no DF.

Candidata ao Senado, ao governo ou vice

Deputada federal mais votada em 2018, Flávia Arruda deve concorrer ao Senado ou ao Palácio do Buriti. Mas ela chegou a ser cotada para vice na chapa de Jair Bolsonaro. O presidente gosta dela e precisa de uma mulher para compor a chapa, já que no eleitorado feminino há mais resistência à reeleição. Esse projeto, no entanto, fica prejudicado com a entrada de Bolsonaro no PP, uma vez que criaria uma chapa puro-sangue.

Ed Alves/CB/D.A Press



Impugnação rejeitada

A Comissão Eleitoral da OAB-DF rejeitou, por unanimidade, as impugnações contra a chapa liderada pela advogada Thaís Riedel feitas pela Associação Nacional de Advogados Negros e pelo candidato à reeleição Délio Lins e Silva Júnior. Os pedidos alegavam que havia tentativa de fraude à política de cotas que destina 30% das vagas para pessoas pretas e pardas. A representação da Associação foi arquivada por ilegitimidade. Segundo as regras, a impugnação só pode ser feita por advogados inscritos no DF, o que não era o caso. Já no pedido do Délio, a comissão considerou que não havia provas nos autos.

Discussão de prioridades

Assessor de Flávia Arruda na Secretaria de Governo da Presidência da República, o delegado Rafael Sampaio virou um centro de lamentações de policiais civis, inconformados por não terem, até hoje, recebido a paridade de salários com policiais federais. Do aumento de 37% previsto, até hoje só saíram 8%. Outra reclamação que Rafael recebeu: diretores de divisões acham um despropósito a decisão da direção-geral da Polícia Civil do DF de comprar um avião ao custo de R\$ 50 milhões, como foi comunicado nesta semana. “Não é hora de fazer esse gasto, quando ainda temos tantas demandas, como a paridade e o plano de saúde”, diz Rafael Sampaio.

Luis Nova/Esp. CB/D.A Press



Recursos do BNDES

O diretor-geral da Polícia Civil do DF, Robson Cândido, afirma que o avião será comprado da Embraer com recursos do Bndes numa linha de crédito para a segurança pública. A aeronave será usada na linha de frente em operações para transporte de presos. “Temos dois aviões, um deles não é pressurizado, e o outro saiu de linha”, diz. “Esses recursos do BNDES não podem ser usados para custeio, ou seja, no aumento da Polícia Civil”, acrescenta. Robson afirma ainda que Rafael Sampaio, na condição de assessor da ministra Flávia Arruda, deveria ajudar a PCDF.

À QUEIMA-ROUPA

Sua chapa foi impugnada pelo presidente licenciado da OAB-DF, Délio Lins e Silva Júnior, candidato à reeleição, por suposta falsidade na inclusão de advogados negros para atender à exigência das cotas raciais. Como você rebate essa impugnação?

Jamais fraudaria as eleições e jamais usaria de qualquer subterfúgio para não cumprir uma regra que julgo importante e necessária. Nossa chapa, diferentemente de outras, colocou pessoas negras em cargos eletivos de destaque, como a presidência da Caixa de Assistência dos Advogados e a Secretaria-Geral da OAB-DF e para nós é mais uma questão de representatividade que de cumprimento de normas. Durante 15 dias, fomos vítimas de um massacre sem precedentes na história das eleições da Ordem. Dezenas de veículos de comunicação compraram a ideia de que praticamos racismo, a chapa de situação fez um verdadeiro carnaval com esse tema, que deve ser encarado da forma mais séria possível. Inclusive, violando a intimidade das pessoas, publicando fotos de crianças, dados pessoais como CPF e endereço, ferindo completamente qualquer parâmetro do razoável. Em respeito ao tema, preferimos nos manter em silêncio e, como advogados, aguardar a decisão da comissão eleitoral que fez justiça e rejeitou os pedidos de

Cr?dito:Divulga?o/CB/D.A Press



“Quem sou eu para dizer qual é a raça de outra pessoa. Esse é um tema muito delicado, sensível”

impugnação formulados por Délio. A campanha e Délio Lins usou o fato não para discutir a participação de pretos e pardos na OAB-DF, mas para tentar desestabilizar a nossa campanha. Tentam esconder a gestão ineficiente que fizeram, a falta de propostas para advocacia e partem para ataques pessoais e perseguições infundadas contra a nossa chapa. Mas estou tranquila com a nossa escolha. Escolhemos, como advogados, respeitar a norma e a norma dizia que o critério para a definição da raça é a autodeclaração. No momento da inscrição, perguntamos para as pessoas como elas se declaravam e eu respeitei a classificação de cada uma e cada um. Afinal, quem sou eu para dizer qual é a raça de outra pessoa. Esse é um tema muito delicado, sensível,

THAÍS RIEDEL, CANDIDATA À PRESIDÊNCIA DA OAB-DF

que, às vezes, toca questões de foro íntimo que machucam. Não cabe a mim questionar.

A chapa dos verdes, que você lidera, é formada pelo grupo do governador Ibaneis Rocha na OAB-DF. Ele está dando algum tipo de apoio para sua campanha?

Ibaneis Rocha foi um excelente presidente da OAB-DF. Fez uma gestão participativa, ativa e preocupada com a advocacia e com a sociedade. E sobre ser do grupo do governador, eu fui conselheira e presidente da Comissão de Previdência e Seguridade Social durante sua gestão à frente da OAB-DF. Mas nossa chapa tem um alta taxa de renovação. Cerca de 80% das 115 advogadas e advogados que integram nossa chapa nunca concorreram a um cargo eletivo na OAB-DF. E dizer que todas essas advogadas e advogados que estão se dispondo, trabalhando e empenhados em fazer uma gestão mais democrática e participativa, atenta às necessidades da advocacia do DF, são do grupo do governador apequena a força e a disposição dessas pessoas que têm trajetórias próprias e edificantes, cada um na sua área e seu ambiente de atuação. Agora, Délio Lins e Silva Júnior se elegeu alegando que Jacques Velloso seria puxadinho do Buriti, mas olhe nos Tribunais quantas ações a OAB-DF, nas gestões de Estefânia, Ibaneis e

Juliano, moveu contra o GDF e quantas Délio moveu para ver que ele é que é o verdadeiro puxadinho do Buriti.

Você organizou um ato pela abertura dos tribunais fechados por conta da pandemia. Como essa situação prejudicou os advogados?

Quero dizer que sou uma ardorosa defensora dos avanços tecnológicos que foram implementados no âmbito do Judiciário neste momento pandêmico e que devem fazer parte da nossa realidade. Mas, com o avanço da vacinação, é importante que os Tribunais voltem a funcionar. O atendimento virtual dificultou o contato do advogado com o magistrado, que é uma medida prevista no Estatuto da Advocacia. Vimos diversos casos de magistrados que desrespeitaram advogados, cortando a palavra antes que concluíssem o raciocínio em audiências virtuais e uma baixa tolerância com problemas tecnológicos, que infelizmente são comuns num país tão grande e desigual como o Brasil. Depois daquele movimento fizemos contato com vários Tribunais na tentativa de abrir um canal de diálogo, mas até o momento não tivemos retorno. E eu continuo perguntando: Onde estão os juízes que até o presente momento não voltaram a atender os advogados presencialmente?

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

» Entrevista | FLÁVIA NUNES | PSICÓLOGA DA SECRETARIA DE SAÚDE DO DF

Diante de um país devastado por mais de 610 mil vidas perdidas devido à pandemia da covid-19, especialista em estudos sobre a morte ressalta a importância do respeito à forma de cada pessoa lidar com o processo da despedida

“Precisamos despatologizar o luto”

» ANA ISABEL MANSUR
» THAYS MARTINS

Um país enlutado por mais de 610 mil mortes em decorrência da covid-19 e pela precoce e trágica perda da cantora Marília Mendonça, uma das vozes mais ouvidas do Brasil. Em um curto intervalo de tempo, a população precisou lidar com a morte, e de forma muito presente. Ontem, no programa

CB.Saúde — parceria da TV Brasília com o Correio —, a psicóloga da Secretaria de Saúde do Distrito Federal Flávia Nunes comentou por que o assunto ainda é tabu. Especialista em tanatologia, o estudo da morte, ela explica que o ser humano precisa aprender a enfrentar o luto. No entanto, o tema é complexo, e o processo não é simples. Leia os principais trechos da entrevista, concedida à jornalista Carmen Souza.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



De que forma os óbitos em decorrência da covid-19, no Brasil e no mundo, impactam nossa relação com a morte?

A morte é um tema complexo, com várias dimensões. Não é só a questão biológica. O que acontece quando nosso corpo deixa de funcionar, o que define estarmos vivos ou não? Há questões sociais, culturais e psicológicas. Neste momento, com o contato frequente e constante com tantos óbitos, inevitavelmente precisamos entrar no assunto. Porém, ainda é um tabu muito grande. Há diversas reações possíveis: distanciamento,

fuga, não querer falar sobre nem entender, preocupação de que essa realidade possa chegar e vir antes do que imaginávamos...

Há um tempo, as despedidas eram dentro de casa, e até crianças participavam. O que passou a ocorrer para que evitássemos falar sobre isso?

Devo muito essa relação com o desenvolvimento da tecnologia, essa nossa busca incessante pela cura a todo custo. A morte passa a ser vista como um fracasso. Quanto mais conseguimos prolongar a vida e curar doenças — o

que, de nenhuma forma, é negativo —, mais temos dificuldade de lidar com o fato de que, em algumas situações, a morte se torna inevitável. A sensação de fracasso e de que a morte não deveria acontecer porque é algo errado faz com que nos relacionemos com a questão do adocimento e do óbito de forma diferente.

Como identificar que o luto começa a ficar disfuncional? Precisamos, primeiro, despa-

tologizar o luto. É um processo normal e natural. O problema é ser um campo fértil para muitos julgamentos em relação ao que é certo ou errado, ao que é esperado. Muito se fala do tempo também. A licença que as pessoas têm no trabalho quando entes próximos morrem é um período curto, e não esperamos que a pessoa não esteja mais em sofrimento depois do afastamento. E há alguns fatores para verificar se é o caso de um luto que caminha

para complicações. O natural é ficar em um movimento pendular, com horas mais tristes e de pensar sobre o que aconteceu, mas há espaço para alegria e retomar as atividades. É preciso verificar se a pessoa caminha para uma reorganização (da vida), embora apresente alguma reação de sofrimento, ou se fica mais no polo da tristeza e do trabalho de luto.

O Brasil perdeu Marília Mendonça recentemente e teve uma mobilização social imensa. Por que isso aconteceu?

A perda de alguém famoso fala da nossa própria dor. Se sou mãe, por exemplo, eu me lembro de que posso vir a faltar, a morrer e deixar meu filho. A morte de uma pessoa conhecida nos comove e atinge porque envolve simbolismos em várias dimensões, lembrando-nos de nossa própria finitude. Não estamos acostumados, no dia a dia, a lembrar que somos seres finitos. A morte não respeita nem uma pessoa famosa, jovem, no auge da carreira. Vem muito um senso de injustiça: até o herói pode morrer sem previsão nem possibilidade

de despedida, sem concluir o que gostaria. Isso nos remete à impermanência da nossa própria vida. Vivemos tempos muito difíceis. E vou lembrar de uma música da Marília: “Todo mundo vai sofrer”. Não é defender a sofrência, mas normalizar. Então, que tenhamos possibilidade de acolher nossas dores e viver nosso luto da forma que deve ser. E que peçamos ajuda caso precisemos.

A restrição aos funerais na pandemia foi uma das queixas de quem perdeu alguém próximo. Esses rituais são importantes no processo de enlutamento?

Sim. Eles têm vários papéis nesse momento. Têm a função, para os enlutados, de reunir a rede de apoio para receber suporte e prestar homenagem a quem faleceu, demonstrando, dentro de um grupo social, a importância da pessoa. Com o impedimento desses rituais, da forma como tradicionalmente ocorrem, a pandemia demandou que usássemos da criatividade e da adaptação. Não era a forma como gostaríamos.